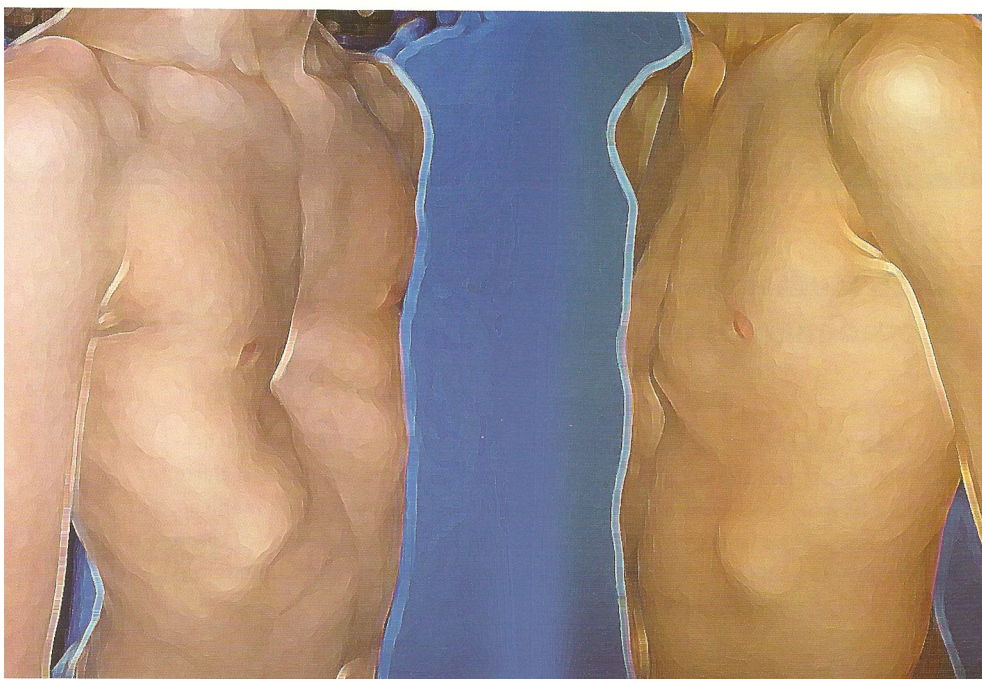


Deformidades torácicas e preconceitos a serem desfeitos



Há necessidade de um amplo apoio social para que o paciente que estiver se tratando com órteses torácicas o faça sem inibição, desfazendo alguns estigmas e preconceitos equivocados, como: “não há nada a fazer” ou “com o crescimento isso desaparece”

De acordo com o ortopedista de Brasília, Sydney Haje, estudioso do assunto há 34 anos, as deformidades torácicas são bastante comuns, existindo descrições na literatura médica de até um caso para cada 100 pessoas. Mas tais deformidades são pouco conhecidas, pois quem tem evita mostrar e, geralmente, sofre a sós, principalmente no período da adolescência.

Desde 1977, ao iniciar seus estudos sobre o assunto, Haje percebeu a quase total predominância de indicações cirúrgicas, com resultados questionáveis. Em 1990/91, durante pós-graduação nos Estados Unidos, seus experimentos levaram, pela primeira vez na história da medicina, à reprodução de deformidades torácicas em animais, demonstrando a natureza ortopédica dessas deformidades. Defensor de método de tratamento com órteses (aparelhos ortopédicos) e exercícios, que, de uma maneira natural, segura e fisiológica, pode levar a bons ou ótimos resultados em um, dois ou três anos – dependendo de como o paciente siga as instruções –, o ortopedista já teve 22 produções científicas publicadas e sete premiações, duas delas no exterior. Mais de 4.500 pacientes já foram por ele examinados e tratados desde 1977, sendo centenas procedentes de todo o Brasil e 108 procedentes de mais de 30 países diferentes.

O fato de pacientes viajarem longas distâncias à procura de uma solução para seu problema ilustra a gravidade do aspecto psicológico da patologia e a necessidade de ações sociais que resultem em ajuda aos portadores das deformida-

des. Consciente disso, Haje lançou, em 1995, um programa que envolve assistência médica e distribuição gratuita de órteses aos portadores de deformidades torácicas na rede pública, programa este até hoje desenvolvido no Hospital Regional da Asa Norte da Secretaria de Saúde do DF.

Na opinião do profissional, há necessidade de um amplo apoio social para que o paciente que estiver se tratando com órteses torácicas o faça sem inibição, desfazendo alguns estigmas e preconceitos equi-



Sydney Abrão Haje

CRM-DF 2666 - Médico do Centro Clínico ORTHOPECTUS e instrutor de Ortopedia Pediátrica e da Adolescência e Reabilitação em Brasília. Seus interesses de estudo e pesquisa incluem as deformidades e desvios da coluna vertebral (escoliose) e os distúrbios de crescimento do tórax, com ênfase para o pectus carinatum (saliência torácica) e para o pectus excavatum (depressão torácica)

“O fato de pacientes viajarem longas distâncias à procura de uma solução para seu problema ilustra a gravidade do aspecto psicológico da patologia e a necessidade de ações sociais que resultem em ajuda aos portadores das deformidades”

vocados, como: “isso é assim mesmo”, “não há nada a fazer”, “com o crescimento isso desaparece”, “só cirurgia existe como tratamento”, “não quero que ninguém veja que estou usando aparelho”.

Sydney Haje esteve recentemente na Royal Society of Medicine de Londres, onde a medicina de Brasília e do Brasil foi elogiada pelos médicos ingleses. Antes esteve em Moscou, onde também apresentou seus estudos. Em ambas capitais europeias deu assistência a pacientes. Seu filho Davi Haje, doutor pela USP, atua hoje na mesma área. Mais informações sobre os estudos que desenvolvem e suas bibliografias podem ser encontradas em www.orthopectus.com.br.